

EMOÇÃO: CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

[doi> 10.33726/akdpapers2447-7656v10a62020p84-98](https://doi.org/10.33726/akdpapers2447-7656v10a62020p84-98)

FIGUEIREDO, Mari Lucia¹
PINHEIRO, Adalberto Vitor Raiol²

RESUMO: Este estudo abordou a importância das emoções na aprendizagem infantil. Os estudos sobre o teor das emoções têm se intensificado por meio de profissionais de diversas áreas no mundo científico, mostrando-se como um fator importante nas abordagens do processo de ensino e aprendizagem. O objetivo dessa pesquisa foi o de contribuir junto à comunidade acadêmica, no que tange às preocupações com a questão educativa, ressaltando-se aspectos da aprendizagem, evidenciando-se como as relações emocionais entre professor e aluno podem influenciar no aprendizado final. Como resultados esperados, indica-se que as conclusões aqui impostas possam balizar futuras pesquisas nesse campo, aprofundando as linhas de pesquisa do setor, incrementando a formação docente, ajudando nas adaptações do currículo escolar e das novas descobertas no desenvolvimento cognitivo infantil. Assim, foi possível concluir que o fenômeno emocional pode auxiliar na aprendizagem infantil, bem como na relação professor x aluno, ainda que os profissionais responsáveis pela educação apresentem graus distintos de insegurança na adoção de trabalhos que venham ao encontro da valorização das emoções em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Emoções, aprendizagem, neurociências, criança

ABSTRACT: This study addressed the importance of emotions in children's learning. Studies on the content of emotions have been intensified by professionals from different areas in the scientific world, showing themselves as an important factor in the approaches to the teaching and learning process. The objective of this research was to contribute to the academic community, with regard to concerns with the educational issue, highlighting aspects of learning, showing how the emotional relationships between teacher and student can influence the final learning. As expected results, it is indicated that the conclusions imposed here may guide future research in this field, deepening the lines of research in the sector, increasing teacher education, helping in adaptations of the school curriculum and new discoveries in children's cognitive development. Thus, it was possible to conclude that the emotional phenomenon can help in children's learning, as well as in the teacher x student relationship, even though the professionals responsible for education present different degrees of insecurity in the adoption of jobs that meet the appreciation of emotions in the classroom.

KEYWORDS: Emotions, learning, neurosciences, child

¹ Graduada em Psicologia. Doutora em Avaliação Psicológica pela PUC – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Docente na Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal. E-mail: maripsydra@yahoo.com.br mari.figueiredo@uemg.br

² Doutor em Educação pela USP – São Paulo. Professor da E. E. Professor Jamil Khauan e da Universidade Paulista – UNIP – São José do Rio Preto – SP. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9971407240228621>

INTRODUÇÃO

Para os seres humanos se desenvolverem é necessário aprender coisas novas a todo o momento, sejam habilidades motoras, idiomas ou cálculos matemáticos. Ao seu turno, é parte deste fato: todos possuem seus próprios métodos para processar informações, transformá-las em conhecimento em todas as áreas do saber.

Por sua vez, investigar, analisar e sistematizar tais formas de processamento é a tarefa da área da psicologia, terreno denominado de psicologia da educação. Esta área é a responsável por pesquisar sobre as teorias da aprendizagem, especialmente aquelas que abordam o desenvolvimento cognitivo humano por intermédio de diferentes pontos de vista. Tanto é assim que, ao longo de sua história evolutiva, a espécie humana desenvolveu no seu cérebro um pensamento emocional (“emotional thought”), ou seja, um sistema operacional emocional e social – SOEC (FONSECA, 2016):

O que gerou posteriormente um pensamento racional, daí a importância do sistema límbico que, ao emergir do tronco cerebral, que trata das funções automáticas de bem estar e de sobrevivência, prepara e aciona o neocórtex para o desempenho de funções cognitivas superiores necessárias às aprendizagens mais complexas e simbólicas (FONSECA, 2016 p. 374).

Entretanto, a sobreposição da cognição à emoção foi a chave da nossa adaptação como espécie humana. Assim, com a interdependência funcional fomos capazes de resolver problemas e acumular inovações tecnológicas. Desse modo, caso o SOEC funcionasse mal, o trajeto evolutivo da espécie seria certamente outro (WORKMAN & READER, 2008). Paralelamente, quando uma criança na escola tem o seu SOEC comprometido, a sua aprendizagem será alvo de problemas (JENSEN, 2010).

Nesta perspectiva, as emoções estão intimamente ligadas com a aprendizagem. Para Fonseca (2016), elas ligam com coerência, relevância e significação, ferramentas mentais da atenção, da percepção (processamento

de informação), da motivação, da memória, da planificação e da execução de respostas adaptativas.

Refletindo sobre o assunto, vemos que a emoção associada à aprendizagem, em nenhuma outra época, possibilitou ao ser humano conseguir acumular tantos conhecimentos como nos tempos atuais. Mesmo com essa diversidade e capitalização de conhecimentos, pouco ou quase nada sabemos sobre o ser humano, sobre a natureza de suas emoções e sentimentos, fatores esses que envolvem a aprendizagem.

Desta forma, serão consideradas como características gerais da aprendizagem, as emoções, procurando-se evidenciar as relações emocionais existentes entre professor e aluno, mediante as práticas de ensino e aprendizagem. Por isso, recorreremos aos estudos existentes para identificar porque as emoções são tão importantes nesse processo e até que ponto podem interferir nas dinâmicas de interação educacionais.

Sem dúvida, a elaboração de uma pesquisa como tal, resulta de toda uma construção pessoal que precede, dá sustentação e motiva a busca de soluções para uma determinada problemática (CRESPO, 2005). Entretanto, comumente, o pesquisador esconde-se nas entrelinhas do texto, exigindo, para identificação de sua formação ou personalidade, o estudo de, praticamente, todas as suas obras.

E, por fim, esperamos oferecer uma contribuição nessa área e estabelecer um diálogo entre aprendizagem e emoção, propiciando uma melhor leitura dos caminhos atuais, analisar as informações remediativas e preventivas para a população educacional, no tocante ao que envolve tanto o aluno quanto o professor, acrescentando a este e àquele elementos de confronto ainda desconhecidos do ponto de vista científico.

DESENVOLVIMENTO

Para Goleman (2012), as emoções são, em essência, impulsos para lidar com a vida, os quais nos foram dados pela emancipação evolutiva da espécie. Almeida, (s/d, p. 03) ressalta ainda, que “as emoções, numa perspectiva cognitiva, surgem como elementos da percepção; como

mecanismos mentais presentes na inteligência, no pensamento, na atenção, na memória de cada indivíduo, a serem utilizados sempre que necessários para darem respostas apropriadas aos acontecimentos a que sejam submetidos”.

Podemos identificar na literatura pesquisada que existem duas áreas distintas reservadas às emoções. As primárias, que são inatas como o medo, a alegria e a raiva (identificadas desde o nascimento), e podem ser relacionadas às necessidades básicas do ser humano. E as secundárias, que são a vergonha, a paixão, a tristeza, o desprezo, a surpresa e o amor.

Neste contexto, a emoção dirige, conduz e guia a cognição. Assim, não se pode compreender a aprendizagem sem reconhecer o papel dela em tão importante função adaptativa humana. A interdependência da emoção e da cognição no cérebro é demonstrada pelas novas tecnologias de imagiologia do nosso órgão de aprendizagem e de interação social (IMMORDINO-YANG & DAMÁSIO, 2007). Ao longo da evolução humana e dos procedimentos da educação da criança, ambas coevoluíram e coevoluem, elas são neurofuncionalmente inseparáveis.

Piaget, Wallon e Vigotski, teóricos da psicologia do desenvolvimento, ressaltam que tão importante quanto as metodologias de ensino usadas no cotidiano escolar é o espaço que o afeto ocupa na construção do conhecimento. Mas, o primeiro a contestar a separação entre afetividade e cognição, foi Henri Wallon. A afetividade e a inteligência, para Wallon (2008), constituem a personalidade. Para o autor, a afetividade está relacionada às sensibilidades internas e se orienta em direção ao mundo social e para a construção da pessoa. A inteligência, por sua vez, vincula-se às sensibilidades externas e está voltada para o mundo físico, para a construção do objeto.

A teoria psicogenética de Wallon tem como fundamento a integração organismo-meio, o que possibilita o desenvolvimento cognitivo (SILVA, 2017). Esta teoria é marcada pelos movimentos denominados “alternâncias funcionais”, expressão dinâmica de sobreposições e rupturas, resalta o autor. Para Oliveira & Teixeira (2002), as leis que regem o desenvolvimento psicológico da criança, a partir dos pressupostos de Wallon, são: Lei da alternância funcional; Lei da predominância funcional e Lei da integração funcional. Desse modo, vê-se que:

A lei de alternância propõe que ora a energia da criança se concentra nela própria (centrípeta), ora no meio sociocultural (centrífuga). A lei da predominância propõe que, ao interagir afetiva e cognitivamente com o meio, a criança em cada domínio cognitivo, em cada fase de seu desenvolvimento apresenta predomínio de uma das funções, ora cognitiva, voltada para o conhecimento externo, ora afetiva, voltada para a construção do eu. A lei de integração propõe que a própria maturação biológica e desenvolvimento do centro nervoso, das estruturas do neocórtex, não suprimem estruturas que desempenhavam tarefas mais simples evoluem, se modificam e assumem maior complexidade na organização cortical, passando do desempenho de tarefas mais simples a mais complexas, integrando as estruturas anteriores, as novas estruturas (SILVA, 2017, p. 24).

A afetividade, ao seu modo, refere-se à capacidade, à disposição do ser humano a ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. Conforme Mahoney & Almeida (2005), ser afetado é reagir com atividades internas/externas que a situação desperta. A teoria aponta três momentos marcantes, sucessivos na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. Para tais autores, os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes. Na emoção, há o predomínio da ativação fisiológica, no sentimento, da ativação representacional, na paixão, da ativação do autocontrole.

Segundo Wallon (2008), as emoções são de caráter fundamentalmente orgânico, seguidas de transformações físicas, como o aumento de batimentos cardíacos, tremedeira e palidez. Já, os sentimentos, são resultados das transformações qualitativas sofridas pelas emoções e reflete o surgimento da capacidade de representação, a inserção no mundo simbólico. A paixão pressupõe a capacidade de autocontrole visando ao domínio de uma dada situação. Enquanto a paixão é mais encoberta, mais duradoura, mais intensa, mais focada, a emoção é visível, fugaz, também intensa, mas sem controle. O sentimento, por sua vez, em função do desenvolvimento da capacidade simbólica, perde seu recurso de visibilidade e é mais duradouro, menos intenso e mais controlado (MAHONEY, 2004).

Silva (2017) comenta que a afetividade na ótica de Wallon (1968), paixão e emoção estão intimamente ligadas à inteligência. Esse pensador corrobora com a ciência, contudo, argumentando que existe uma diferença entre emoção e afetividade. A emoção caracteriza-se pela manifestação de

estados subjetivos, ligados ao caráter biológico da criança, expresso através de sinais como desconforto, fome e choro. Tais alterações emocionais podem produzir contrações musculares e mudança no estado de espírito do ser humano. Para o autor citado:

As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental. Não porque origem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas, pelo contrário, precisamente porque se dirigem, à medida que eles vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém em potência e, por seu intermédio, as reações íntimas e fundamentais. Assim, se mistura o social com o orgânico (WALLON, 1968, p. 149-150).

Tanto para Wallon quanto para Recusani (2018), a afetividade é um conjunto de fenômenos experimentados e vivenciados na forma de emoções, sentimentos e paixões. É essencial, portanto, que o professor estabeleça um vínculo afetivo com seu aluno, uma vez que aprendemos a partir de nossas atitudes, habilidades e competências e em como as usamos para a solução de problemas.

Mello & Rubio (2013) argumentam que uma das dificuldades no estudo sobre a afetividade é a definição do que realmente significa o termo. Na linguagem geral, o afeto relaciona-se com sentimentos de ternura, amor, carinho e simpatia. Os autores ressaltam ainda, que a afetividade está relacionada, ainda, aos mais diversos termos: emoção, estados de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros tantos. A maior parte das vezes, a afetividade é confundida com emoção. Para os pensadores em voga, “a afetividade exerce um papel importantíssimo em todas as relações, além de influenciar decisivamente a percepção, o sentimento, a memória, a autoestima, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana” (MELLO & RUBIO, p. 02, 2013).

Mahoney & Almeida (2007) definem a emoção como sendo a exteriorização da afetividade, ou seja, como sendo a expressão corporal e motora da faculdade emotiva. Neste sentido, é correto afirmar, que a afetividade tem um poder plástico, expressivo e contagioso, posto que é o primeiro recurso de ligação entre o orgânico e o social. Estabelece, também, os

primeiros laços com o mundo do humano e por intermédio dele, com o mundo físico.

Para Smith & Kosslyn (2009), o termo emoção refere-se a uma gama de processos físicos e mentais, que incluem aspectos da experiência subjetiva, avaliação, motivação e respostas corporais tais como excitação e expressões faciais. Para Gross & Barret (2011), a emoção é uma coleção de estados psicológicos, incluindo a experiência subjetiva e o comportamento expressivo facial, corporal e verbal, e a resposta fisiológica periférica, que se traduz no ritmo cardíaco e na respiração.

Partindo de outra perspectiva, Mulligan & Scherer (2012) colocam que uma emoção só o será se: for um episódio afetivo; causar mudanças no organismo; for dirigida a um objeto; conter um mecanismo perceptivo. Desse modo, a relação com o objeto é herdada do mecanismo perceptivo, uma vez que acionada e guiada por, pelo menos, um mecanismo avaliativo.

Entretanto, enquanto as emoções teriam um caráter mais episódico, capaz de guiar automaticamente diversos tipos de respostas e estados internos, os humores estariam ligados mais a estilos de processamento, enquanto sentimentos e afeto estão mais ligados à experiência subjetiva do fenômeno, com o primeiro mais focado no nome e o segundo mais focado no sinal/intensidade (RODRIGUES & ROCHA, 2015).

O conhecimento da emoção desenvolvido pelas crianças pode ser compreendido dentro do campo das representações sociais (ROAZZI *et al.*, 2011). Isso se deve ao fato desse conhecimento ser elaborado e partilhado socialmente com um objetivo prático pertencente a uma realidade comum (JODELET, 1994). Convém lembrar, também, que este estágio pode envolver aspectos cognitivos, avaliativos, afetivos e simbólicos, adverte Wagner (1998), corroborado por Abric (1994), ao ressaltar que essa atividade é processo e produto de uma atividade mental em que se reconstrói o real e se atribui uma significação particular.

Moscovici (2000) afirma que todas as nossas vivências afetivas expressas em condutas, respostas corporais e verbais são consequência não de uma excitação exterior, mas, sim, da representação que construímos dela e

também são “indispensáveis para mobilizar as pessoas, para criar vínculos e representar o futuro” (MOSCOVICI, 2000, p. 302-303).

MAS, O QUE, DE FATO, É A EMOÇÃO?

“É difícil dizer [...]. Emoção é alguma coisa que a gente sente quando tá sentindo alguma coisa, né? (11 anos — sexo masculino/ Escola Particular)”, (ROAZZI *et al.*, 2011, p. 52).

Os autores em epígrafe realizaram uma pesquisa, cujo objetivo principal foi o de investigar a organização estrutural do campo semântico conceitual da emoção em crianças, a partir de em uma perspectiva êmica.

Nisso, foram aplicadas as técnicas de associação livre de palavras (emoção) e duas perguntas (frequência das emoções e o que sabiam sobre emoção). Essa última questão apontou que a maioria das crianças respondia relacionando emoções a sentimento, a coisas que sentem no coração. Elas também traziam exemplos de acontecimentos positivos e negativos, citavam emoções específicas, principalmente as classificadas como primárias pelos teóricos da área.

Na literatura acerca das emoções em crianças, foi encontrada, além da pesquisa citada a cima, um estudo realizado por Silva (2017), que teve como objetivo compreender as possíveis influências das emoções e sentimentos na interação pedagógica em sala de aula. Analisaram como as emoções e sentimentos, dentro do campo da afetividade interferem no desenvolvimento cognitivo e social dos alunos, e quais habilidades de relacionamento o professor pode desenvolver para aprimorar a mediação pedagógica no trabalho em sala de aula.

As influências emotivas foram evidenciadas nas práticas cotidianas, entusiasmando decisivamente as situações de aprendizagem. Os laços afetivos construídos em sala se mostraram eficazes na promoção da relação de respeito e confiança entre professor e aluno.

Pereira (2017) investigou a relação de afetividade entre professor e aluno e sua relevância como fator motivacional no processo de ensino e aprendizagem. Seus resultados mostraram que a disciplina e o respeito dos

alunos pelos professores são eventos iniciais que desencadeiam outros fatores, tais como o bom relacionamento e o afeto.

Por meio da pesquisa realizada, pode-se constatar que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as opiniões dos alunos e dos professores deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de ensino e aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente, o carinho recíproco:

O estudo das emoções já fora tema de interesse de inúmeros pesquisadores ao longo da história. As diferenciações, comparações, estabelecimento de parâmetros e conceitos para determinar o surgimento de certas manifestações humanas que comumente chamamos de emoções (SILVA, 2017, p. 73).

Em outro estudo, Ekman (1992) investigou as expressões faciais ao redor do mundo. Em diversas culturas utilizou vídeo-gravações com mais de 5000 mil adultos e estabeleceu as correlações entre seis expressões faciais observadas que se repetiam, independentemente da região ou cultura. O autor, concluiu que o ser humano apresenta seis expressões emotivas básicas: alegria, tristeza, raiva, nojo, surpresa e medo:

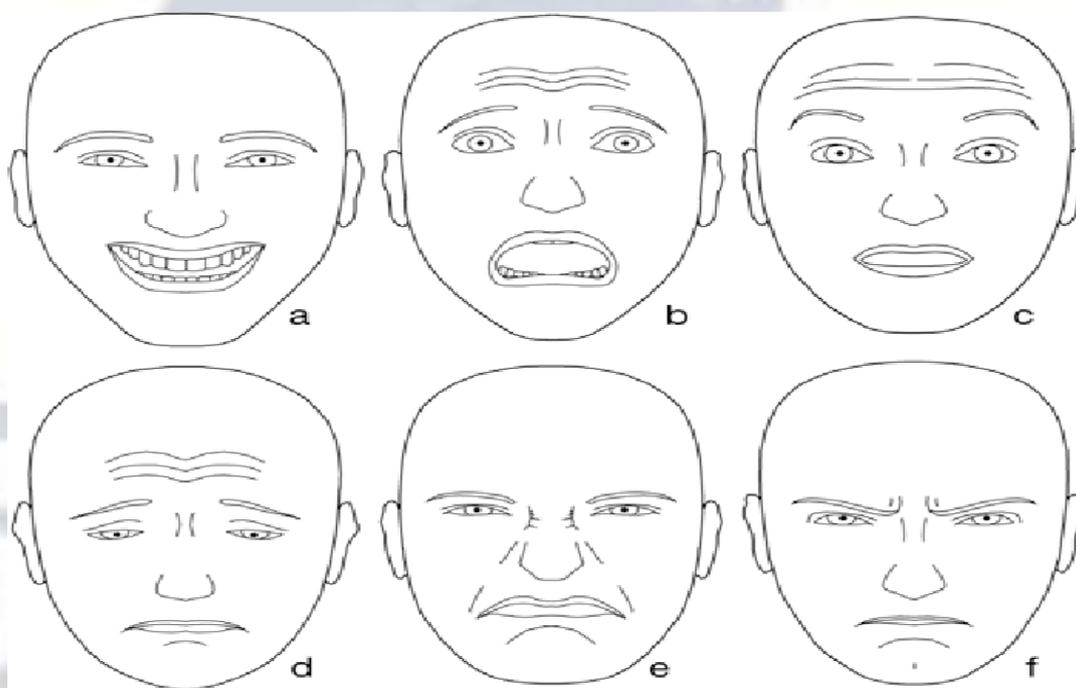


Figura 1. Expressões faciais típicas de seis emoções básicas: a. alegria, b. medo, c. surpresa, d. tristeza, e. nojo, f. raiva.

Para Fonseca (2016), muitos problemas de saúde mental na escola podem decorrer de estressores crônicos e de sofrimento emocional, porque muitos alunos com dificuldades de aprendizagem não conseguem corresponder às expectativas sociais porque a importância das emoções na aprendizagem e a sua neurodiversidade não são respeitadas e nem compatibilizadas com as exigências das aprendizagens escolares (WILLIS, 2010). Entretanto:

A aprendizagem tem muito a ver com o papel que jogam, no seu êxito ou sucesso, as interações íntimas neurofuncionais das emoções com o humor e com o estresse, tudo passa efetivamente pelas dinâmicas interpessoais profundas entre o professor e o aluno, e entre este e os seus pares (FONSECA, 2016, p. 367).

Sobre a aprendizagem, podemos dizer que:

O aprendizado significativo acontece quando uma informação nova é adquirida mediante um esforço deliberado por parte do aprendiz em ligar a informação nova com conceitos ou proposições relevantes preexistentes em sua estrutura cognitiva (AUSUBEL et al., 1978, p. 159).

Ao seu tempo, Casassus (2009) afirma, que ter um ambiente emocional adequado, gerado pelo bom relacionamento entre professor e aluno é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem e da vida das pessoas. “O processo de ensino-aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces de uma mesma moeda; nessa unidade, a relação interpessoal professor- aluno é um fator determinante” (MAHONEY, 2005, p. 01).

Fernández (1991) aponta que, para aprender, necessitam-se duas pessoas (o ensinante e o aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. Completando seu raciocínio, Pereira (2017, p.17) argumenta que “não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”. Ainda sobre essa questão, Goldane (2010) afirma que “a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros, e pode-se

dizer que toda aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros” (GOLDANE, 2010, p. 13), e que, em suma, toda aprendizagem está impregnada de afetividade.

Com bases fundadas nas discussões das várias perspectivas dos autores que versam sobre a temática emoção x ensino-aprendizagem, pretende-se contribuir com a elucidação de questões que permeiam todo este processo, em que os sentimentos estão intimamente ligados com o aprendizado infantil.

CONCLUSÃO

Pretendeu-se nesse estudo compreender o modo com que as emoções se apresentam como fatores essenciais para o desenvolvimento cognitivo infantil, surgindo como uma forte aliada no quesito aprendizagem.

Para um maior embasamento, sugerimos que seria necessária uma exaustiva pesquisa de campo e um levantamento bibliográfico mais profundo. Entretanto, acreditamos que os apontamentos realizados dão conta de ofertar ao cenário uma contribuição mínima norteadora para as futuras pesquisas que se interessem nesta temática, já que este assunto é de total importância para o mundo científico.

Neste estudo, enfim, procuramos trazer algumas pesquisas e ressaltamos, de toda a literatura, um grupo de estudiosos que tributaram com os seus embasamentos teóricos da neurociência. Dentre estes, podemos destacar as posições defendidas por Ekman (2003) e Plutchik, (2002), nas quais se ressaltam que a capacidade de expressar emoções é inata, ou seja, a expressão de emoções básicas costuma ser idêntica em todos os povos, confirmam os autores.

Entretanto, sabemos que a história de cada um tem influência predominante sobre quais estímulos podem provocar emoções e em que momento pode ou devemos expressá-los (GENDRON, ROBERSON, VAN DER VYVER E BARRETT, 2014; NIEDENTHAL *et al.*, 2006).

A esse respeito, Roazzi *et al.*, (2011) realizaram uma pesquisa cujo objetivo principal foi investigar a organização estrutural do campo semântico conceitual da emoção em crianças em uma perspectiva êmica (como as pessoas locais pensam).

Concluíram que a maioria das crianças respondia relacionando emoções a sentimentos, a coisas que sentem no coração. Elas também traziam exemplos de acontecimentos positivos e negativos, citavam emoções específicas, principalmente as classificadas como primárias pelos teóricos da área.

Outro fator que devemos considerar é o de que “com o avanço da idade, as crianças vão desenvolvendo um conceito das emoções mais elaborado, vivenciando emoções mais específicas e passando a considerar melhor as emoções negativas” (ROAZZI *et al.*, p. 59, 2011).

E, já que as emoções têm um papel fundamental na organização da aprendizagem, educadores e profissionais da área precisam refletir sobre as condições favoráveis ao processo de ensino, oportunizando a essas crianças e adolescentes o acolhimento necessário para estimular a motivação destinada a receber os conteúdos pertinentes.

À vista disso, as escolas e os seus professores têm de proporcionar mais e melhores condições de aprendizagem emocional, tornando-a mais significativa, estabelecendo estratégias que possibilitem não apenas o crescimento intelectual, mas emocional, fomentando conexões afetivas como as matérias a serem aprendidas como estratégias de encorajamento, cooperação, respeito, bem como a promoção do desenvolvimento intuitivo para que se construa o raciocínio crítico e por fim o gerenciamento intencional do clima emocional e as relações sociais em sala de aula (CARVALHO, 2018).

Miguel (2015) chama a atenção para alguns pontos ao considerar que é necessário que se continue investigando tanto os aspectos individuais quanto sociais da emoção; tanto a normalidade quanto seus desvios, como o autismo; tanto os aspectos negativos e desajustados quanto a saúde, o bem-estar e a regulação ou inteligência emocional.

E, por fim, Mello & Rubio (2013) relatam que todas as relações, quer sejam familiares, profissionais ou pessoais, devem ser permeadas pela

afetividade, e esta pode ser validada por todos, em qualquer faixa etária e em qualquer nível social e cultural. A afetividade está sempre presente nas experiências vividas pelas pessoas, no relacionamento com o outro, por toda a vida, desde seu nascimento.

Acreditamos que todo ser humano precisa ser amado e receber carinho, mas precisa também de limites. O respeito é internalizado a partir do momento que a criança compreende que o educador se preocupa com ela e está lhe mostrando os caminhos, sejam do aprendizado ou do comportamento. Assim, se pretende contribuir para uma construção mais saudável da criança, na sua formação e na sua relação com o mundo.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J.-C. *L'étude expérimentale des représentations sociales*. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales* (4th ed., pp. 187-203). Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

ALMEIDA, R. N. *As contribuições das emoções no processo ensino aprendizagem*. [uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-38145 - 28032016-203404.pdf](http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-38145-28032016-203404.pdf) acesso: 15/06/2020.

AUSBEL, D. NOVAK, J. HANESIAN, H. *Psicologia Educacional*. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1978.

CARVALHO, C. L. *As emoções como interventor nos processos de aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo na visão neuropedagógica*. V CONEDEU – Congresso Nacional de Educação, UPE. www.conedu.br, 2018.

CASASSUS, Juan. *Fundamentos da Educação emocional*. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

CRESPO, M. L. F. *Construção e validação de um instrumento de clima para criatividade nas organizações empresariais*. Tese de Doutorado. PUC – Campinas, SP, 2005.

EKMAN, P. *Facial expression and emotion*. American Psychologist, 48(4), 384–392, 1993.

EKMAN, P. *Emotions revealed*. New York: Times Book, 2003.

FERNANDÉZ, A. *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1991.

FONSECA, V. A. importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neropsicopedagógica. *Rev. Psicopedagogia*; 33(102): 365-84, 2016.

GENDRON, M., ROBERSON, D., VAN DER VYVER, J. M., & BARRETT, L. F. Perceptions of emotion from facial expressions are not culturally universal: Evidence from a remote culture. *Emotion*, 14(2), 251–262, 2014.

GOLDANI, A; TOGATLIAN, M. A; COSTA. R. A. *Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola*. Rio de Janeiro: Epapers, 2010.

GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional*. São Paulo: Objetiva; 2012.

GROSS, J. J. & BARRETT, L. F. Emotion Generation and Emotion regulation: One or Two Depends on Your Point of View. *Emotion Review*, n. 3, v. 1, p. 8-16. 2011.

IMMORDINO-Yang MH, DAMÁSIO A. We feel, therefore we learn: the relevance of affective and social neuroscience. *Mind, Brain and Education*; 1(1):3-10, 2007.

JENSEN E. *Different brains, different learners*. London: Corwin; 2010.

JODELET, D. *Représentations sociales: un domaine en expansion*. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales* (4th ed., pp. 31-61). Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. *Afetividade e Processo de Ensino/Aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo, 2005.

MAHONEY, A. A., & ALMEIDA, L. R. (Orgs.). *Afetividade e Aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MELLO, T.; RUBIO, J. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. *Revista Eletronica Saberes da Educação*, v. 4, n.1, 2013.

MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, jan./abr. 2015.

MOSCOVICI, S. Lo social em tiempos de transición / Diálogo com Serge Moscovici. *Revista SIC* (Caracas, Venezuela), 617, 302-305, 2000. Retrieved from <http://www.dialogoconSergeMoscovici/SIC.html>

MULLIGAN, K., SCHERER, K. R. *Toward a Working Definition of Emotion*. *Emotion Review*, n. 4, v. 4, p. 345-357, 2012.

NIEDENTHAL, P. M., KRAUTH-GRUBER, S., & RIC, F. *Psychology of emotion: Interpersonal, experiential, and cognitive approaches*. New York: Psychology Press, 2006.

OLIVEIRA, M. K.; TEIXEIRA, E. A questão da periodização do desenvolvimento psicológico. In: OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C.; SOUZA, D. T. R. (Org.) *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: moderna, 2002.

PEREIRA, J. C. Afetividade: a importância da relação professor aluno como fator motivacional no processo ensino aprendizagem. UFP – Centro de Ciências Exatas e da Natureza. João Pessoa, PB. *Trabalho de Conclusão de Curso*, 2017.

PLUTCHIK, R. *Emotions and life: Perspectives from psychology, biology and evolution*. Washington, DC: American Psychological Association, 2002.

RECUSSANI, M. *O vínculo afetivo entre professor e seu aluno no processo ensino aprendizagem*. Tutores Educação Multidisciplinar. www.tutores.com.br, 2018. Acesso: 2/07/2020.

ROAZZI, A., Dias, M. G. B. B., SILVIA, J. O., SANTOS, L. B. & ROAZZI, M. M. O que é Emoção? Em Busca da Organização Estrutural do Conceito de Emoção em Crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(1), 51-61, 2011.

RODRIGUES, H. ROCHA, F. L. Uma definição constitutiva das emoções. *Revista Humus*, n. 15, v. 5, 2015.

SILVA, R. F. As emoções e sentimentos na relação professor-aluno e sua importância para o processo ensino aprendizagem: contribuições da teoria de Henri Wallon. UNESP – Faculdade de Ciências e Letras. Assis, SP. *Dissertação de Mestrado*, 2017.

SMITH, E. E.; & KOSSLYN, S. M. *Cognitive psychology: mind and brains*. Nova York: Pearson Education, 2009. 610 p.

WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: A. S. P. MOREIRA & D. C. OLIVEIRA (Eds.). *Estudos interdisciplinares de representação social* (p. 03-25). Goiânia, GO: AB, 1998.

WALLON, H. *Psicologia e Educação da criança*. Ed. Loyola, 2008.

WALLON, H. *Do ato ao pensamento*. Ed. Vozes, 2008.

WILLIS J. Current impact of neuroscience on teaching and learning. In: SOUSA DA, ed. *Mind, brain & education*. Bloomington: Solution Tree Press; 2010.

WORKMAN, L. READER, W. *Evolutionary Psychology: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press; 2008.